

Literatura e imprensa como fator de aproximação cultural nas relações Ibero-Afro-Brasileira.

Profa. Dra. Elisabeth Batista¹

Resumo:

O presente trabalho coloca-se como mais um esforço no sentido de reconhecer e dar visibilidade à diversidade cultural brasileira geradas a partir das relações Ibero-afro-brasileiras, a partir do século XX, período em que se estratificou as sociedades imaginadas e a conseqüente construção da imagem do outro. Tendo nascido no limiar do século XX (1899), Maria Archer viveu parte de sua vida entre Portugal e África. Contactou direta ou indiretamente com as correntes de pensamento que influenciaram ou afetaram de forma intensa o ambiente cultural português até meados dos anos cinquenta do século passado. Inconformada com o modelo cultural que encerrava o padrão da feminilidade previsto para a portuguesa na época do Estado Novo, Maria Archer, em exílio nas terras brasileiras escreveu e publicou obras voltadas para a divulgação da cultura dos países em que viveu. Nosso trabalho intenta recuperar como a produção criativa da autora, ao criar abertura para um diálogo entre a literatura e a imprensa circunscreveu-se na construção da imagem do outro nas relações entre as sociedades imaginadas.

Palavras-chave: Literatura, Imprensa, Feminina, Maria Archer, Cultura.

*Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:
“Navegar é preciso; viver não é preciso”
Quero para mim o espírito dessa frase, transformada a forma para a casar
com o que sou; viver não é necessário,
O que é necessário é criar.*

Fernando Pessoa²

A grande movimentação no meio acadêmico e jornalístico, em várias regiões do país, em torno da preparação do bicentenário da Imprensa Brasileira, em 2008, é um momento oportuno para refletir sobre as confluências e a diversidade cultural geradas no âmbito da literatura e imprensa. O presente trabalho coloca-se como mais um esforço no sentido de reconhecer e dar visibilidade à diversidade cultural brasileira geradas a partir das relações Ibero-afro-brasileiras, a partir do século XX, período em que se estratificou as sociedades imaginadas e a conseqüente construção da imagem do outro.

De meados de 1955 a abril de 1979 a escritora e jornalista Maria Emília Archer Eyrolles Baltazar Moreira, nome marcante da vida e cultura portuguesas, veio cumprir um longo exílio no Brasil. Através da vida da escritora passa também, necessariamente, a vida de uma época: o espaço humano, existencial, cultural e geográfico do qual Maria Archer é, para este trabalho, o centro.

Em Portugal a escrita de Maria Archer tem pouca visibilidade, mesmo a família não se preocupou, na época, em preservar a “memória” da autora. Tal constatação é surpreendente, sobretudo após tomarmos conhecimento da variedade e do grande número de livros e artigos

¹ UNEMAT/CNPq.

² “Palavras de Pórtico”, In: *Introdução à Obra poética*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1965, p.16.

escritos, além de uma série de conferências proferidas por esta autora. É farto o repertório de sua produção literária entre 1935 e 1963. Os seus livros atualmente, exceto *Ela é apenas mulher*, reeditado em 2001 e *Nada lhe será perdoado*, reeditado em 2006, só pudemos encontrar nos alfarrabistas de Portugal.

Assim é o caso para se refletir por que essa autora e as suas obras de inegável qualidade foram apagadas na memória de um tempo crivado de silêncio e relegadas ao mais completo esquecimento.

A lusitana viajada, jornalista, tradutora, conferencista, que viveu em Angola, Guiné-Bissau, Niassa e Moçambique transfere-se para esta outra margem do Atlântico onde vem a fixar-se a partir de 15 de julho de 1955. O sentimento de novidade que acompanha a viajante ao se deslocar para uma paisagem diferente não logrou dissipar o sentimento de inadaptação dos primeiros tempos e as vicissitudes de um passado recente. Seis meses mais tarde, em entrevista ao jornal carioca *Diário de Notícias* na edição datada de 15-01-1956, descreve os tempos ásperos devido ao ambiente hostil e opressivo de Portugal e explica o motivo do seu exílio no Brasil.

Vim para o Brasil, tendo chegado dia 15-07-1955, porque já não podia viver em Portugal. A ação da censura asfixiou-me e tirou-me os meios de vida. Apreenderam-me dois livros publicados, assaltaram-me com policiais a casa e levaram-me um original que ainda estava escrevendo, violência inédita em países de civilização européia. (Diário de Notícias, 15-01-1956)

Uma vez no Brasil, Maria Archer, inconformada com o modelo cultural que encerrava o padrão da feminilidade previsto para a portuguesa na época do Estado Novo, escreveu e publicou obras voltadas para a divulgação da cultura dos países em que viveu. Mais ainda, produziu artigos em jornais, sementes de contestação ao domínio salazarista em Portugal, discursos, crônicas e palestras radiofônicas.

Em sua prolongada escala em terras brasileiras Maria Archer realizou, pelo intrincado território da escrita para jornais, uma conexão entre o Índico e o Atlântico interligando-os pelo horizonte da literatura. Ao adentrar no território do gênero periodístico laborado por Maria Archer no exílio e publicado durante a permanência no Brasil, tivemos em vista a classificação e descrição analítica de sua produção criativa para a imprensa. Tal procedimento conduziu-nos à identificação das suas contribuições à imprensa local, bem como os seus conteúdos considerados essenciais e também os subsidiários.

Que tipo de imprensa faziam as mulheres naquele tempo? Pensar o jornalismo de Maria Archer pode sugerir-nos a busca de elementos em que se inscrevem opiniões, pontos de vista sobre o papel da mulher jornalista e os modos como se desenvolvem, em seu tempo, as atividades de imprensa periódica.

A idéia de uma condição feminina, naquele momento, permanecia forte e delineava nas colunas as temáticas comuns às mulheres. O binarismo dos gêneros era herança dos discursos científico e jurídico construídos no século XIX, que desenvolveram a noção de posições e papéis definidos pela condição de gênero.

Várias foram as escritoras em que, a atividade literária corria paralela à atuação jornalística. Clarice Lispector³ estreou sua atividade como jornalista desde 1940 na Agência Nacional e publicou as primeiras reportagens e entrevistas na revista *Vamos Ler!* e no jornal *A Noite*.

³ LISPECTOR, Clarice. *Entrevistas*. (Organização de Claire Willians, notas bibliográficas de Tereza Montero). Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

Outra escritora que também se articulou nesse mundo diferente da escrita, foi Adalgisa Nery⁴. Entre 1954 e 1966 a escritora passou a opinar como colunista do jornal carioca *A Última Hora* sobre inúmeras questões referentes à política e à economia nacionais.

A atuação feminina nos jornais tem no exercício jornalístico efetivo de Maria Archer um exemplo modelar. Em suas contribuições para a imprensa no Brasil, dedicou-se com intensidade à produção de crônicas para o *Suplemento Feminino* de *OESP* e não só. Soube aproveitar convenientemente o espaço aberto ao debate, à informação, e na criação de um público leitor feminino, quer brasileiro, quer português, além de despertar o prazer no hábito de ler quotidianamente.

Ao levantarmos dados biográficos da escritora, fatos de sua vida ainda não conhecidos e razões do seu exílio para o Brasil, cujo percurso, teve em seus primeiros passos a intenção de catalogação de toda contribuição da autora à imprensa brasileira, levou-nos conseqüentemente a um inventário de sua atuação junto ao núcleo de exilados portugueses.

A fim de dimensionar a contribuição de Maria Archer para a imprensa brasileira, situando o seu trabalho de autoria feminina nos tempos do exílio, encontramos trabalhos nas seguintes publicações periódicas: *A Gazeta*, *O Estado de São Paulo* e *Portugal Democrático*.

Concentrar-nos-emos na atividade jornalística da escritora, colaboradora regular da imprensa periódica do Brasil no período de 1955 a 1963. As crônicas abrangem parte dos anos mais conturbados do regime salazarista: o “corpus” significativo foi endereçado ao jornal *O Estado de São Paulo*, de 1955 a 1957, contudo, neste trabalho nos voltaremos para o jornal de resistência ao regime salazarista no Brasil, o *Portugal Democrático*, cujas contribuições se deram de 1955 a 1963.

O percurso da escritora pelo gênero periodístico tem o seu ponto de partida no jornal *A Gazeta*. Nessa publicação, Maria Archer ao contatar que em meados do século passado, a circulação literária entre Brasil, Portugal e África, continente que tanto mexeu com a imaginação de viajantes e aventureiros, era praticamente inexistente, traz para a pauta do dia uma reflexão sobre o tema. É, portanto, nas colunas do jornal *A Gazeta*, que o tema ganha a visibilidade, sob a ótica de uma estreante no gênero em terras brasileiras, ao chamar a atenção para a incipiência da circulação literária entre os países que tem o português como língua de comunicação. O ensaio, cujo conteúdo postula a defesa da intensificação do intercâmbio literário e cultural faculta, entre outras razões, para as barreiras alfandegárias a responsabilidade pela desfasagem no intercâmbio entre os países que se comunicam através da língua portuguesa.

Isto nos dá uma medida de que forma a autora, a partir do exílio, se adapta à realidade cultural brasileira. É, portanto, sob o olhar e a memória da crônica jornalística da escritora que importa procurar os conteúdos orientadores sobre os quais se deu o encontro do olhar estético na captação da “alma de um povo”.

Além de dezenas de crônicas de sensível eficácia literária, por conformarem uma agradável aproximação entre a literatura e o jornalismo, escreveu e publicou no jornal *O Estado de São Paulo* artigos e ensaios voltados para a divulgação da cultura dos países em que viveu e que mantêm o português como língua de comunicação. Dedicou-se, também, em seus ensaios jornalísticos, a estudar as confluências históricas e culturais entre os dois continentes. Ao desenvolver uma série

⁴ CANDELORO. Isabela. *Entre a Literatura e o jornalismo. A Trajetória da escritora Adalgisa Nery*. XI Seminário Nacional Mulher e Literatura. II Seminário Internacional Mulher e Literatura. ANPOLL. 2005, p. 1016-1027.

temática, dialogando com as crônicas de viajantes, a escritora estabeleceu paralelos entre a história de ocupação territorial da África e do Brasil.

No conjunto de seis ensaios que classifiquei como “Crônicas Brasil e África”, entre os vários aspectos de confluência histórico-cultural que une os dois continentes, está o movimento de devassamento e ocupação empreendido pelos Sertanejos em Angola, e os Bandeirantes no Brasil.

Relevante ressaltar ainda, que a autora, na intenção de manifestar o seu descontentamento diante de posições, atitudes e posturas políticas que julgava incorretas, nas duas décadas que aqui viveu, produziu artigos que contribuíram vivamente para a composição do movimento de resistência ao regime conservador e autoritário vigente em Portugal. Nasce dessa iniciativa conjunta com vários exilados portugueses: *Portugal Democrático* (1955-1974), que pretendia divulgar a situação que se vivia em Portugal e seria a concretização da aspiração de se constituir como grupo de anti-salazaristas a partir do exílio. Na publicação periódica *Portugal Democrático*, portanto, foi além, fez circular vários artigos, sementes de contestação ao domínio salazarista em Portugal.

A década de 50 registra o maior fluxo dos auto-denominados “imigrantes políticos” que irão compor a resistência anti-salazarista na cidade de São Paulo, em particular no *Portugal Democrático*. Em seu ensaio “Reflexões sobre o exílio” (2003), Edward Said⁵, ele próprio representante da situação de diáspora vivida por muitas pessoas no século XX, afirma que este século é “com efeito, a era do refugiado, da pessoa deslocada, da imigração em massa”. Aqui chegados, os imigrantes exilados darão conta da expressiva presença portuguesa no Brasil.

Depois de se sentirem no centro dos acontecimentos em Portugal, em uma conjuntura de repressão maiúscula à liberdade de expressão do pensamento, o exílio foi, para as gerações de 1950 a 1970, a ruptura com uma realidade e o desenraizamento do universo de referências que dera sentido à luta contra o regime de Salazar.

As corajosas aparições públicas de Archer logo despertaram a atenção do Departamento da Ordem Política e Social- DEOPS. Sua presença também se fez notar, conforme os relatórios de “observação preventiva” do DEOPS, no Ato de Solidariedade ao povo cubano, promovido pela União Estadual dos Estudantes, em 24 de janeiro de 1959. Em seu pronunciamento para mais de 1.500 pessoas, Maria Archer iniciou dizendo não estar acostumada a falar de improviso, já que “em Portugal esse costume não pode ser desenvolvido, pois lá temos que escrever tudo o que se vai dizer e submeter à aprovação política do Salazar”, e prossegue:

Heróis anônimos tombam dia após dia, nos porões das cadeias políticas de Salazar, enquanto uma centena de fantoches do governo vive no luxo e no conforto. A colônia portuguesa que se encontra no Brasil, talvez por ser formada na sua maior parte de indivíduos apolíticos, que para cá se dirigem e tenho a impressão que aqui se influenciam pela máquina de propaganda orientada pelo governo português, começa ultimamente a tomar consciência e felizmente, da real situação, o mesmo não se deu quando há dois ou três anos passados para aqui se dirigiu o caixeiro viajante da ditadura general Craveiro Lopes.

A experiência compartilhada entre os mundos em que viveu levou a escritora e jornalista ao encontro de uma maneira de pensar que tendia a desconstruir os paradigmas do conhecimento ocidental, num mundo crescente marcado pela visão anti-colonialista. A crítica tem apontado essa condição de uma forma particular de exílio vivida por muitos intelectuais

⁵ SAID, Edward. *Reflexões Sobre o Exílio e outros Ensaios*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003, p. 47.

contemporâneos geradora de um pensamento que se esforça por articular mundos e universos culturais diferentes.

O jornal foi por excelência um espaço da participação masculina, contudo, observou-se a presença de quatro mulheres: Maria Archer, Maria Irolinda, Manuela Gouveia Antunes e Maria Antonia Fiadeiro. Em meio à hegemonia masculina que marcou a produção de conhecimentos e a formação de opinião pública no periodismo de resistência no *Portugal Democrático*, a participação de Maria Archer, com textos, se verificou a partir da 3ª edição quando lançou o seu artigo de estréia: *A Censura à Imprensa e ao livro*.

A autora presenciou o asfixiamento gradativo do seu país de origem com a prolongada vigência do regime salazarista e, ao evidenciar sua experiência ante a opressão vigente em Portugal e expressar de forma consistente a opinião marcadamente oposicionista, Maria Archer habilitou-se, por assim dizer, a inaugurar a participação da mulher no movimento de resistência. A atestá-lo, a introdução de textos de sua autoria naquele órgão de imprensa, onde o exercício de oposição ao regime salazarista era uma “exclusividade masculina”. A partir de então, torna-se voz ativa circulante nos meios de comunicação impressa e falada, no processo de formação de opinião pública sobre o regime de Salazar entre os portugueses residentes no Brasil da época, assim como fez da literatura e da imprensa fatores de aproximação cultural nas relações ibero-afro-brasileiras.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ARCHER, Maria. *Terras onde se fala Português*, Rio de Janeiro, Ed. Casa do Estudante do Brasil, 1957.

_____. *Os Últimos Dias do Fascismo Português*, S. Paulo, Editora Liberdade e Cultura, 1959.

_____. *África Sem Luz*, São Paulo, Clube do Livro, 1962.

_____. *Brasil, Fronteira da África*, São Paulo, Felman-Rêgo, 1963.

Portugal Democrático, Dir. Otávio Martins de Moura “A censura à Imprensa e ao livro.” 6 de Out. 1956, pp.5,6

_____. “Um Vencido”. 12 Jan. 1957, p.6.

_____. “Carta aberta a sua majestade Britânica Isabel II”, pp. 1,4,2 (conclusão).

_____. “Eu e “A Voz”, Abr. 1957 pp. 1,6.

_____. “Eleição de candidato único.” Mai. 1957 pp.1,4.

_____. “Somoza, Salazar e C^a.” Jul 1959, p.6.

_____. “A revolução áurea.” Out. 1960, pp.6,7.

_____. “Avacalhar e Portugalizar.” Set. 1961, p.7

_____. “Brasil, Fronteira da África.” Set. 1963, p.4.

_____. “Símbolo e Mito do 5 de Outubro.” Out. 1963, p.8.

PESSOA, Fernando. “Palavras de Pórtico”, In: *Introdução à Obra poética*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1965, p.16.

RODRIGUES, Miguel Urbano. *O Tempo e o Espaço em que Vivi, I- Procurando um caminho*. Porto, Campo das Letras, 2002.

_____. “Portugal Democrático: Um jornal revolucionário”. In *O Tempo e o Espaço em que Vivi, I- Procurando um caminho*. Porto, Campo das Letras, 2002, p.184.

RODRIGUES FILHO. José Maria. Monografia Emigração, Jornalismo, Educação e Luso-brasilidade em “Saibam quantos...” de Fialho de Almeida. Trabalho da Disciplina Relações literárias Brasil/Portugal apresentado na FFLCH - USP, 1997. (digitado).

ROSAS, F. “*O Estado Novo 1926-1974*”, J. Mattoso (ed) , *História de Portugal*, 7, Lisboa, Editorial Estampa, 1992.

SAID, Edward. *Reflexões Sobre o Exílio e outros Ensaios*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

SALIS Viktor D “Os Grandes Princípios Míticos” In., *Mitologia Viva*. São Paulo, Nova Alexandria, 2003, p. 209 a 229.

SILVA, Douglas Mansur da. *A Ética da Resistência: Os Exilados Anti-Salazaristas do “Portugal Democrático” (1956-1974)*. Dissertação de Mestrado. Orientadora: Profª. Dra. Bela Feldman Bianco. Campinas, Unicamp, 2000.

SODRÉ, Nelson W. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo, GRAAL, 1997.